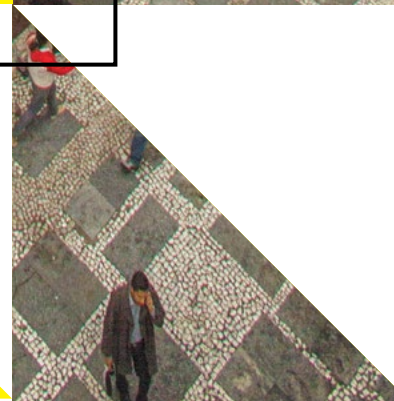


Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam
BB DTVM apresenta e patrocina

Patrimônio & Memória: São Paulo

CONVITE À ATIVAÇÃO / DIGITAL / JANEIRO DE 2022

CCBB EDUCATIVO – ARTE & EDUCAÇÃO / JACA.CENTER





Centro Cultural Banco do Brasil

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) foi criado pelo Banco do Brasil com a intenção de fomentar a produção artística e o acesso à cultura e às artes. Possui unidades em quatro capitais do país: Rio de Janeiro (1989), Brasília (2000), São Paulo (2001) e Belo Horizonte (2013).

O Banco do Brasil incentiva e patrocina projetos nas áreas de artes visuais, dança, cinema, teatro, música e ideias. Os eventos são gratuitos ou a preços populares, para que o maior número de pessoas tenha a oportunidade de viver uma experiência cultural de qualidade.

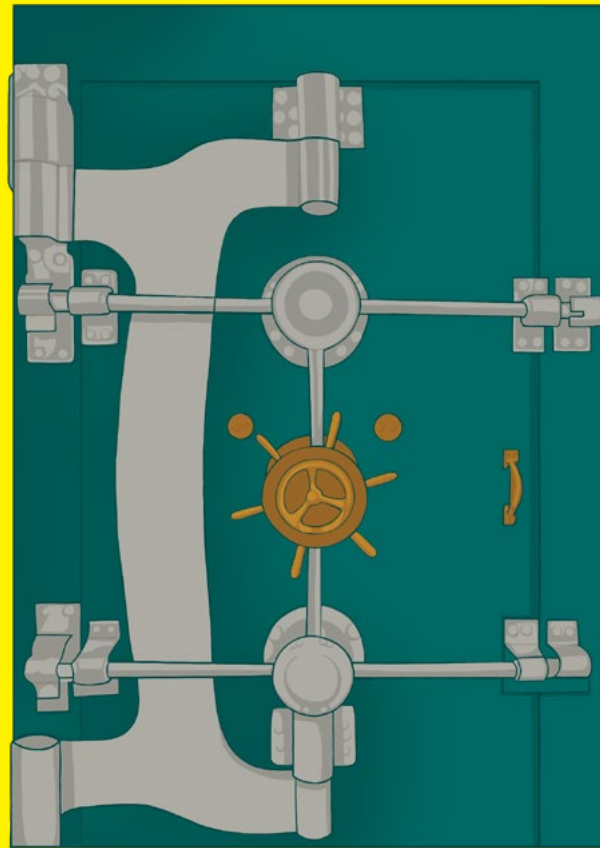
Programa CCBB Educativo – Arte & Educação

Também fazem parte da programação gratuita do Centro Cultural Banco do Brasil as atividades do CCBB Educativo. Elas dialogam com a programação do CCBB e destinam-se a todos os públicos, com ações inclusivas e afirmativas para estreitar as relações com a comunidade escolar, os educadores, as pessoas com deficiência, as famílias, as organizações não governamentais, os movimentos sociais, os profissionais dos campos da arte, cultura e os interessados.

Patrimônio & Memória

Nesta série de convites à ativação, você encontra pesquisas desenvolvidas pelo Programa CCBB Educativo sobre múltiplos conteúdos relacionados à memória e ao patrimônio cultural de cada uma das unidades do CCBB, considerando as suas relações com as cidades em que estão localizadas.

Saiba mais sobre o projeto:
patrimonioememoria.ccbbeducativo.com



O CCBB em São Paulo

Para que serve uma rua?

Fundada em 1554, São Paulo foi uma das primeiras cidades a surgir no Brasil. Muitas coisas nascem de ovos, óvulos e outras formas arredondadas: jacarés, galináceos, golfinhos e até mesmo as pessoas. Outras, como as abelhas, nascem de alvéolos hexagonais. Mas a cidade de São Paulo, veja bem, nasceu de um triângulo formado pelas ruas Quinze de Novembro, Direita e São Bento.

Cerca de 12 milhões de habitantes vivem hoje em São Paulo, a cidade mais populosa da América do Sul. Mas nem sempre foi assim. Por mais ou menos trezentos anos, a cidade foi um pequeno aglomerado de casebres de barro e ruelas de chão batido que cabiam dentro dessas três ruas. Naquele tempo, não existia celular, televisão e nem mesmo carros.

Foi durante o século XIX que a realidade começou a mudar no povoado, que até então era chamado de São Paulo de Piratininga. O responsável por essa transformação foi o café: o “ouro verde”, que trouxe muitas riquezas para a região.

Os casebres térreos construídos ali deram lugar a sobrados e pequenos prédios comerciais. Lojas com produtos importados da Europa, da América do Norte e de outros cantos do planeta começaram a pipocar pelas ruas, que foram alargadas e ganharam calçamento.

Muitas novidades chegavam pelo Porto de Santos e eram transportadas por locomotivas a vapor (outra grande novidade daquela época), até a Estação da Luz. Com isso, a região começou a sofrer muitas modificações, apagando algumas histórias e escolhendo outras em seu lugar.

Você já imaginou como era essa cidade no passado?

Como será São Paulo daqui a 300 anos?



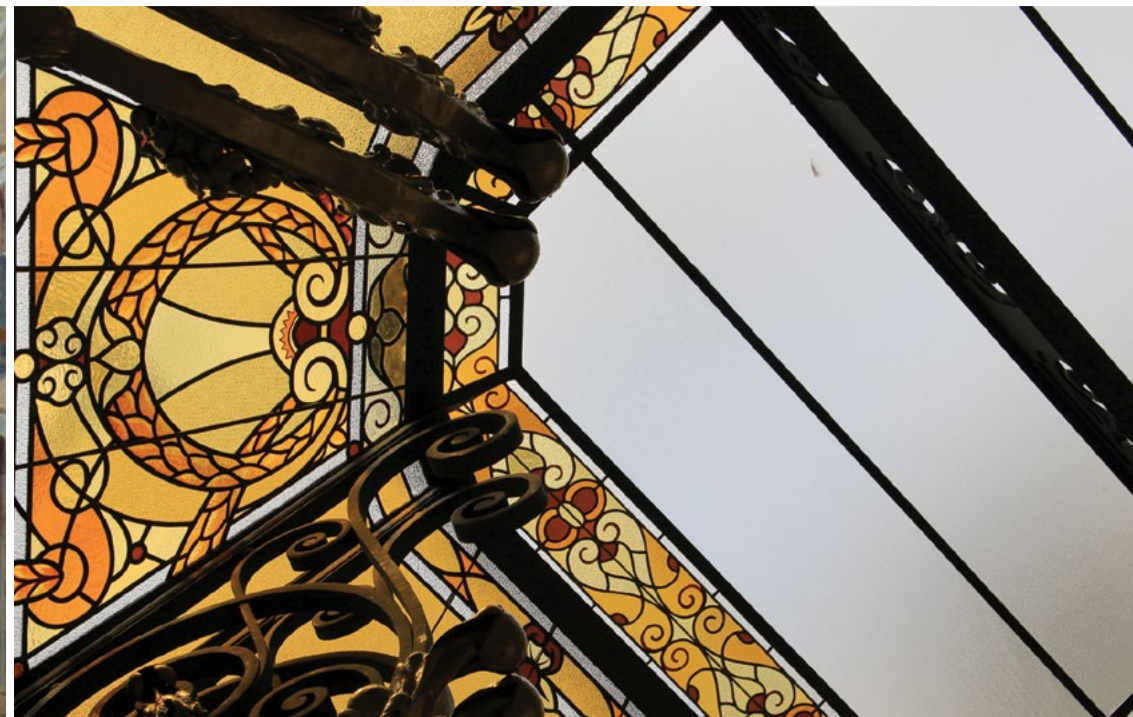
MAPA IMPERIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1855 / MUSEU PAULISTA DA USP



ROTUNDA (SAGUÃO) DO CCBB SÃO PAULO / IGNACIO ARONOVICH



RUA DA QUITANDA, DE BENEDITO CALIXTO, 1858 / MUSEU PAULISTA DA USP



DETALHE DO VITRAL / CADU FARIA

Cidade em transformação

Com a produção e o comércio do café, a cidade de São Paulo foi ficando cada vez mais rica e urbanizada. O dinheiro começou a circular mais e, depois de algum tempo, já não dava para guardá-lo embaixo do colchão. Mais prático e seguro seria guardar as economias em um banco.

Assim, surgiu na capital paulista a primeira agência do Banco do Brasil em imóvel próprio. Construído originalmente em 1901, o edifício que fica na esquina da Rua Álvares Penteado com a rua da Quitanda foi comprado e reformado pelo Banco do Brasil na década de 1920.

Seguindo uma tendência da época, o arquiteto responsável pela reforma, de nome Hippolyto Gustavo Pujol Júnior, criou o projeto combinando diferentes estilos arquitetônicos de tempos passados. Ecletismo é o nome que se dá a essa mistura que é mais ou menos como comer pastel de sorvete ou vestir calças listradas com meias de bolinha.

O Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo

A fachada do prédio é de inspiração neoclássica, um estilo caracterizado por formas simétricas. Dividindo a fachada ao meio, por exemplo, percebemos que uma metade é igual à outra. Outra característica do neoclássico é a influência da cultura greco-romana. Por isso, logo acima da entrada, podemos ver a imagem do deus grego Hermes, também conhecido pelos romanos como Mercúrio, o representante das atividades comerciais.

Entrando no prédio, logo abaixo de nossos pés, encontramos um mosaico de pequenos ladrilhos. Subindo os olhos, podemos ver portas e maçanetas de um período arquitetônico em que os detalhes estavam por toda parte.

Acima das portas, quase no teto, nos deparamos com duas pinturas, uma de cada lado da entrada. Do lado direito, está o nosso já conhecido Hermes e, do outro lado, estão juntos Hefesto e Nikè. Hefesto é o deus da metalurgia, atividade importante para o desenvolvimento da indústria naquele momento da história de São Paulo. Niké, por sua vez, é a deusa da vitória, coroando os vencedores das batalhas.

E você? Conhece a história de Hermes na mitologia greco-romana?



BANCO DO BRASIL S.A.

A rotunda e o vitral

Avançando um pouco mais em direção ao interior do prédio, chegamos à rotunda, uma área circular no centro do ambiente. Essa rotunda possui um teto de vitral inspirado no estilo art nouveau, movimento artístico marcado pelo uso de vidro, ferro e madeira e pela presença de formas da natureza, com curvas que provocam a sensação de movimento.

Esse vitral, hoje entre o terceiro e o quarto andar, foi originalmente instalado entre o primeiro e o segundo, para separar a agência bancária de outras atividades administrativas realizadas nos andares superiores.

Com a reforma, que transformou o edifício em centro cultural, surgiu a proposta de ampliar a visão do público, e o vitral subiu dois andares.

*Você já reparou nos formatos de cada ambiente da sua casa?
E nos materiais usados no piso, nas portas e janelas?*



DETALHE DO VITRAL / CADU FARIA



TERCEIRO ANDAR DO CCBB SÃO PAULO / ACERVO JA.CA - CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA

Pequenos detalhes e um grande segredo

Podemos passar muito tempo descobrindo detalhes interessantes por aqui, como as grades em estilo art nouveau e o elevador com portas de ferro retráteis, chamadas de pantográficas. Também podemos reparar no relógio com detalhes da mitologia grega e nos balcões dos antigos caixas da agência, hoje adaptados para funcionar como bilheteria e cafeteria. Mas nada aqui nos conta que há nesse prédio um segredo, um local aonde antigamente pouquíssimas pessoas podiam chegar: um cofre!

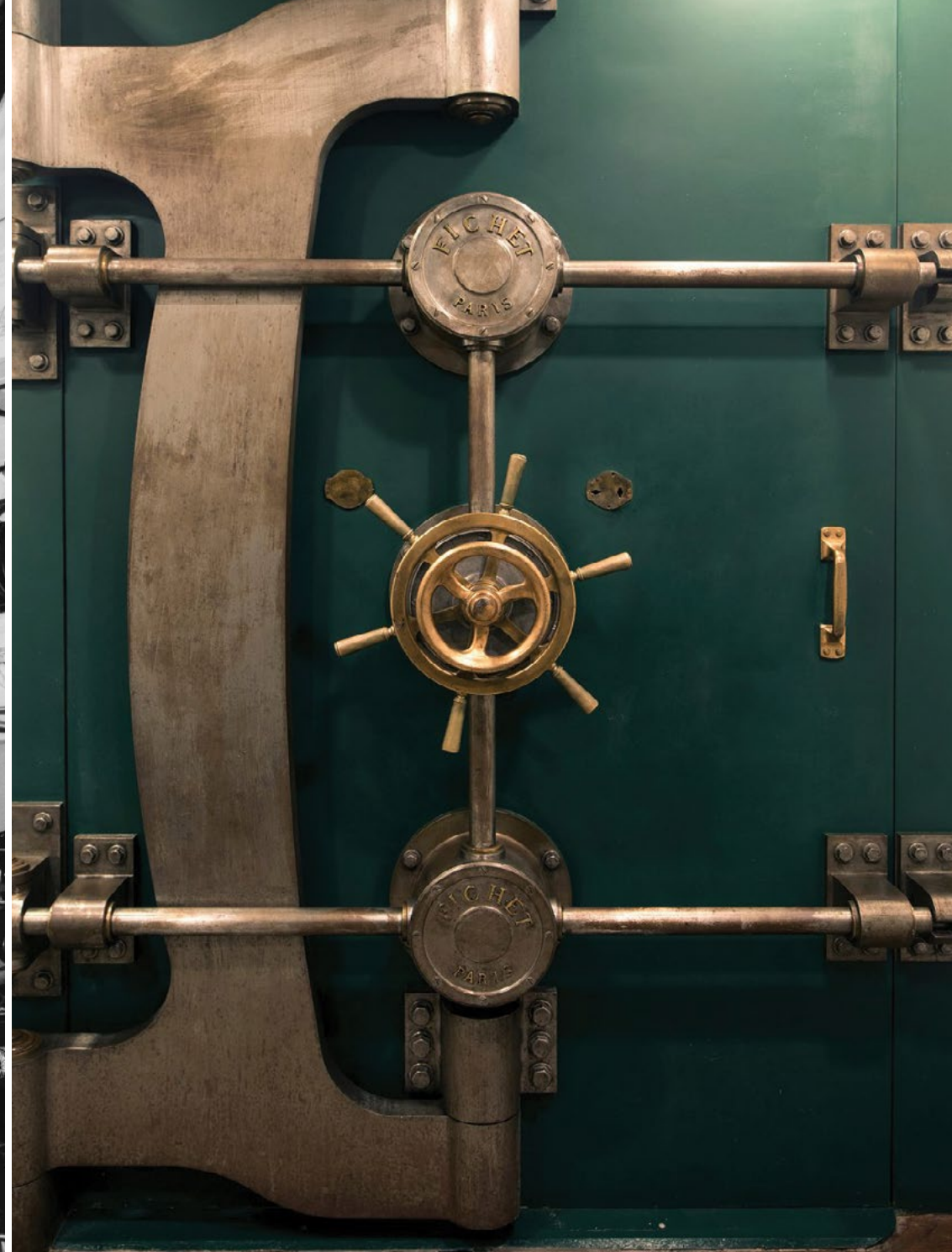
A estrutura desse cofre foi pensada para ser um labirinto, dificultando o acesso de pessoas desconhecidas e a fuga de possíveis invasores do prédio. Tudo isso para garantir que o dinheiro, as joias ou os objetos preciosos dos clientes ficassem em segurança.

As portas desse cofre são enormes e pesam mais de uma tonelada, ou seja, mil quilos! Se olharmos atentamente, podemos ler em suas ferragens: ‘Fichet Paris’, uma pista sobre a origem das peças que atravessaram o Atlântico até chegar à cidade de São Paulo. Dá para imaginar o transporte dessas peças pesadíssimas desde a Europa até aqui, em plena década de 1920?

Se você pudesse guardar em um cofre algo que é precioso para você, o que você escolheria?



ROTUNDA (SAGUÃO) DO CCBB SÃO PAULO / ACERVO BANCO DO BRASIL



PORTA DO COFRE / ACERVO BANCO DO BRASIL

O centro da cidade e o CCBB hoje

O prédio do CCBB funcionou como agência bancária até 1996 e, em 2001, passou por uma restauração para finalmente abrigar o Centro Cultural Banco do Brasil.

No primeiro andar do prédio, estão o auditório, um espaço para palestras e o cinema, com exibição de filmes para todos os públicos. No segundo, está a sala do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

No terceiro andar, há um teatro onde são encenadas peças importantes, inclusive para crianças. Tudo isso sem falar das salas de exposição, que ocupam vários andares do prédio, incluindo o nível subsolo.

Além do CCBB de São Paulo, existem Centros Culturais Banco do Brasil em outras três cidades: Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro. Todos eles funcionam em edifícios de grande valor patrimonial, atualmente ocupados por espaços como galerias de exposições de arte, teatros, ateliês e arquivos. O CCBB também apoia e realiza produções artísticas, promove a circulação dessas produções e oferece uma ampla programação virtual no site ccbb.com.br.

Agora que você já conhece melhor o prédio, a história e o funcionamento do CCBB São Paulo, que tal apresentá-lo a alguém que ainda não o conhece?

Quem você convidaria para uma visita ao CCBB SP?



ATIVIDADES DO PROGRAMA CCB EDUCATIVO - ARTE & EDUCAÇÃO / ACERVO JA.CA - CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA



O patrimônio de São Paulo

O CCBB

e o patrimônio de São Paulo

O CCBB São Paulo é fruto do trabalho de pessoas que projetaram e construíram o prédio, inscrevendo nele valores estéticos e um ideal de cidade. Também participaram desse processo as pessoas que pensaram e ainda pensam sobre os diferentes usos do prédio ao longo do tempo. Por conta disso, podemos dizer que o edifício é um bem cultural de São Paulo e também do país.

Além do CCBB, existem muitos outros bens culturais na cidade: materiais, imateriais, culturais ou naturais. Alguns são tombados e outros ainda serão. Neste livreto, apresentamos alguns desses bens que nos ajudam a pensar sobre quem somos.



Cultura para quem?

O Theatro Municipal de São Paulo

Durante seus primeiros trezentos anos, São Paulo ocupou uma pequena região situada entre o rio Tamanduateí e o ribeirão Anhangabaú. Na passagem do século XIX para o XX, porém, o território se expandiu rapidamente para acolher o crescimento da população. Atraídos pelas oportunidades de negócio, produtores de café se mudaram para a cidade e passaram a administrar suas fazendas de longe. Além deles, também chegaram inúmeros imigrantes, principalmente italianos, que fugiam de guerras e conflitos na Europa.

A paisagem daquele antigo povoado, que se chamava São Paulo de Piratininga, sofreu grandes transformações: as antigas ruelas de terra deram lugar a ruas mais largas com postes de luz, por onde circulavam os bondes, grande novidade da época. Apesar de já existirem casas de espetáculos na cidade, esse processo de intensas mudanças favoreceu o surgimento de um teatro que representasse o novo espírito de São Paulo. Assim, inspirado no Ópera de Paris, foi construído na região central o imponente Theatro Municipal de São Paulo.

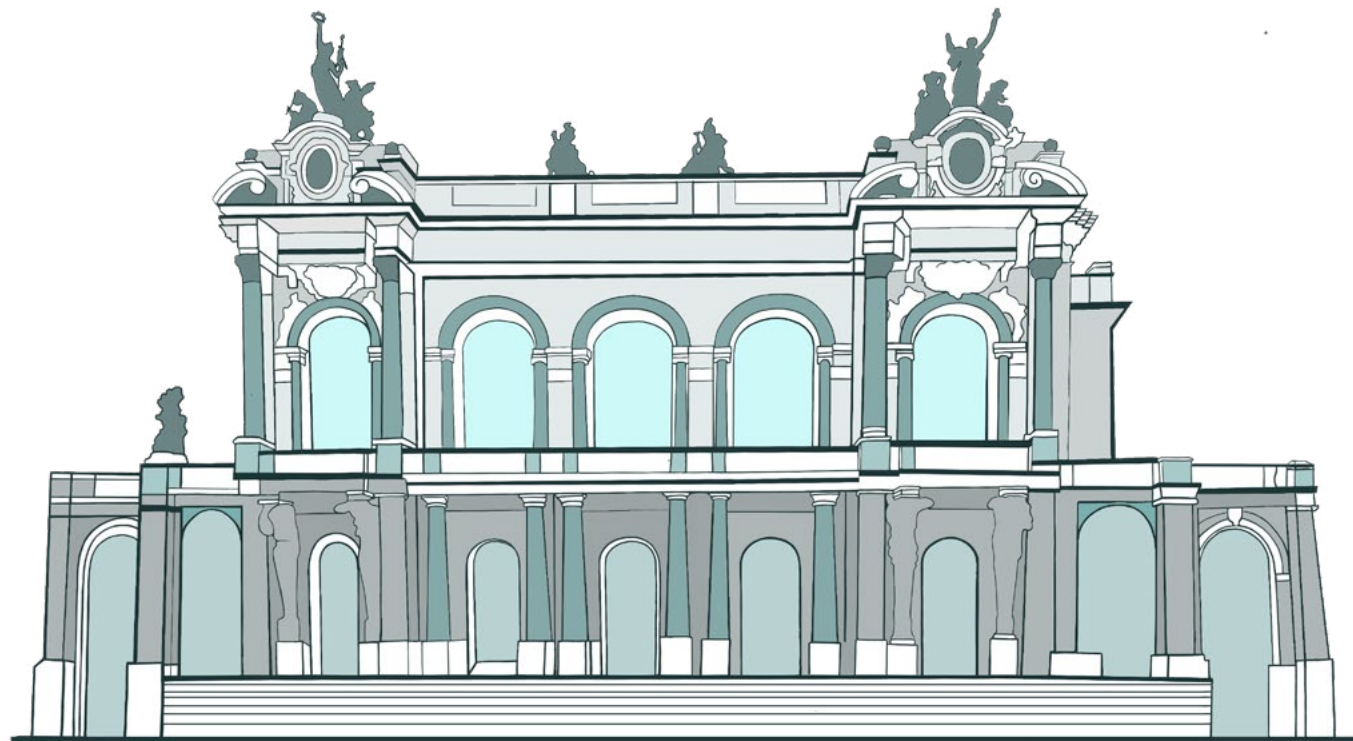
Estabelecimentos comerciais e casas populares foram desalojados para dar lugar ao imponente projeto de Ramos de Azevedo, arquiteto que, desde 1928, dá nome à praça onde fica o teatro. Em estilo eclético, como era moda na Europa, a construção combina grandes colunas clássicas, pinturas que fazem referência à mitologia grega e mobílias barrocas. Vários de seus elementos decorativos atravessaram o mar até chegar aqui: vitrais alemães, estátuas francesas e mármore italianos. Mas nem tudo ali é importado. Apesar da adoção de uma estética europeia e do emprego de recursos vindos de diversas regiões do mundo, na construção do teatro também foram usadas riquezas naturais brasileiras, como pedrarias da região de Itaquera e Sorocaba e dois tipos de madeira praticamente extintos no Brasil, o pau-marfim e o peroba rosa.

Conta-se que na noite de sua inauguração, em 1911, ocorreu o primeiro congestionamento da cidade, já que os passantes pararam para conferir a grandiosa fachada do teatro iluminada e muita gente se deslocou para conferir a novidade. O acesso ao interior desse símbolo do desenvolvimento de São Paulo, porém, só era possível para uma pequena parte da população, com condições de frequentá-lo e usufruir do que ele representava. Naquele tempo, os ingressos eram caríssimos e o público tinha por costume o uso de roupas de gala, tornando indesejável a presença de quem não se vestisse de acordo.

Apesar de ter sido construído para receber apresentações de ópera e outras expressões artísticas da elite europeia, o palco do Theatro Municipal deu lugar a um dos maiores eventos da arte brasileira, a Semana de Arte Moderna. Durante três noites, Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Anita Malfatti (1889-1964) e outros jovens artistas apresentaram pinturas, músicas e poesias que questionavam os valores da elite paulistana e desafiavam as ideias tradicionais sobre arte.

Esse evento, claro, contribuiu para democratizar o acesso ao Theatro Municipal de São Paulo. Atualmente, além da visita aos seus espaços e exposições, o Theatro oferece ao público espetáculos de dança e música a preços populares. Tombado em 1981, ele é um bem patrimonial de todos os paulistanos.

Se você pudesse construir um prédio para representar o seu ideal de cidade, que prédio construiria?



Memórias de resistência:

Monumento a Tebas

Como você já deve saber, o patrimônio de uma cidade é aquilo que fica guardado para contar a nossa história. Mas quem será que escolhe o que será preservado? Por muito tempo, essa seleção foi feita unicamente de acordo com o pensamento dos governantes, das autoridades e da população mais rica e influente. O resultado foi que a história da maioria das cidades vinha sendo contada apenas do ponto de vista desse grupo, deixando boa parte da população de fora.

Sabendo desse problema, em 2020, a Secretaria de Cultura de São Paulo decidiu homenagear um personagem fundamental para a cidade: o arquiteto Joaquim Pinto de Oliveira (1721-1811), mais conhecido pelo apelido Tebas (nome que na língua angolana chamada quimbundo significa ‘alguém muito bom no que faz’).

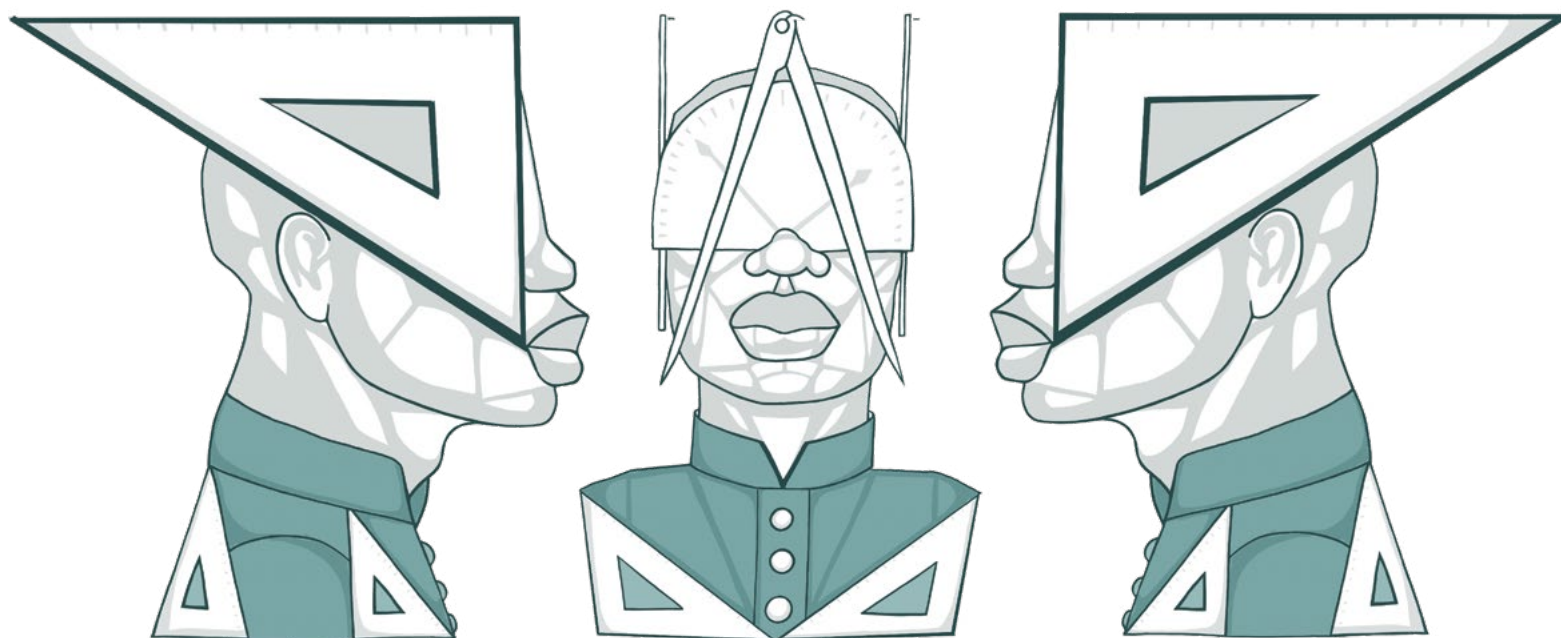
Para isso, foi encomendada uma estátua dele ao artista plástico Lumumba Afroindígena e à arquiteta Francine Moura. O local escolhido para abrigar o monumento foi a praça Clóvis Bevilácqua, localizada entre a Igreja do Carmo e o espaço onde antigamente se situava a Igreja da Sé, construções em que Tebas trabalhou.

Negro e escravizado, Tebas foi trazido por um mestre de obras a São Paulo, onde trabalhou na construção de vários edifícios paulistanos, utilizando o conhecimento prático do povo negro. Apenas aos 57 anos, o arquiteto conquistou sua liberdade por meio de uma carta de alforria, um documento que retirava a condição de escravizado.

Apesar da sua importante contribuição, Tebas vinha sendo pouco mencionado na história da cidade. A estátua em sua homenagem se tornou uma forma de lembrar seu nome e a contribuição dos saberes e técnicas de construção da população negra para São Paulo.

Porém o projeto enfrentou um problema: não se conhece nenhum registro da fisionomia de Tebas, já que, no século XVIII, não existiam máquinas fotográficas e apenas os ricos podiam encomendar seus retratos a pintores. Por isso, no lugar de seu rosto, foi criada uma máscara formada por transferidores, esquadros, compassos e outras ferramentas usadas no desenho arquitetônico. Combinando elementos de ficção científica, história e arte africana, a obra foi elaborada com um material que é corroído com o tempo. Ao mudar de aparência, o monumento de Tebas convida as próximas gerações a novas interpretações da história.

E você? Se pudesse homenagear alguém com uma estátua, quem homenagearia? Qual material você utilizaria?



Modos de comprar e vender:

Casa Godinho

A Casa Godinho é um dos mais antigos mercados da cidade de São Paulo, tendo sido fundada por um português chamado José Maria Godinho. Como tantos outros imigrantes que buscavam uma vida melhor, José Maria desembarcou no Brasil no final do século XIX, sozinho e tendo apenas 14 anos. Com o dinheiro economizado em 20 anos de trabalho no Porto de Santos, comprou uma quitanda e deu a ela o nome de Casa Godinho.

Depois de funcionar em outros endereços, a mercearia se mudou para o centro, acompanhando o movimento da elite que passou a frequentar a região. Em 1924, foi transferida para a rua Líbero Badaró, aos pés do edifício Sampaio Moreira, conhecido como um dos avôs dos arranha-céus de São Paulo por ser o primeiro prédio da cidade com 12 andares.

A mercearia, que funciona neste endereço até hoje é, na verdade, um antigo armazém de secos e molhados, comércio típico do século XIX, especializado em azeites e outros produtos importados, grãos vendidos por quilo e utensílios para cozinha.

Décadas depois, o estabelecimento já conta até com perfis em redes sociais, mas ainda preserva o piso de ladrilho hidráulico português e as prateleiras feitas em uma madeira chamada imbuia, que data do século XIX. Também se manteve como tradição o modo antigo de servir: as compras são feitas direto no balcão, a pesagem dos grãos e frutas é realizada em uma antiga balança de prata e as mercadorias são embrulhadas em papel. Por isso, em 2013, a Casa Godinho foi tombada como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo.

Você pode estar se perguntando... mas por que ela foi tombada como patrimônio imaterial? Bem, a Casa Godinho é classificada assim porque não foi a construção da mercearia que foi tombada, mas o jeito de comprar e vender, os conhecimentos e técnicas envolvidos nessa prática de servir, além das histórias que ali aconteceram e são contadas de geração a geração.

E você? Se pudesse preservar um patrimônio imaterial da sua família, algo que não possa ser guardado no bolso ou em um cofre, o que seria?



Paisagens construídas:

Parque do Ibirapuera

São Paulo é a maior cidade da América do Sul e uma das maiores do mundo. Mas nem tudo é cinza e poluição nesse grande centro urbano, cheio de avenidas largas, viadutos e prédios bem altos. Em uma região da cidade chamada Ibirapuera, os bens produzidos pelo homem convivem lado a lado com as riquezas naturais, já que ali está localizado o Parque do Ibirapuera, uma área verde de 158 km² (cerca de 220 campos de futebol).

Antes da fundação da cidade, a região onde hoje se situa o bairro Ibirapuera era uma aldeia indígena. O próprio nome Ibirapuera vem do tupi, significando “árvore velha”. Ali, os nativos exploravam os recursos naturais de forma harmoniosa, sem causar impactos irreversíveis. Porém a chegada dos colonizadores deu início a um intenso processo de desmatamento para dar lugar a fazendas e chácaras.

Com o processo de reurbanização de São Paulo, no início do século XX, surge a ideia de criar um parque inspirado naqueles existentes nas grandes cidades europeias e americanas, como o Central Park, de Nova Iorque. Porém, o projeto enfrentou um problema: a área escolhida era alagadiça, impedindo a construção do parque. A solução encontrada para secar o local foi o plantio de centenas de eucaliptos, uma árvore que precisa de muita água para se manter de pé.

Especialistas em paisagismo desembarcaram em São Paulo para planejar a flora do parque. Já a parte arquitetônica, como os museus e outras edificações, foi projetada por Oscar Niemeyer, um arquiteto brasileiro reconhecido mundialmente por usar linhas curvas e inventar uma arquitetura caracteristicamente brasileira.

Atualmente, além do acesso a museus e centros culturais, várias atividades relacionadas à fauna e à flora podem ser realizadas no Parque Ibirapuera. Uma delas é a observação de pássaros, já que ali vivem mais de 50 espécies de aves, como o pica-pau-de-cabeça-amarela e algumas espécies de gaviões. O Parque também oferece uma caminhada para identificação de árvores brasileiras e outras que não são nativas daqui, como o jatobá e a figueira bengalense, originária da Índia.

São Paulo possui parques maiores, como o Parque da Cantareira e o Anhanguera, mas o Ibirapuera é o mais frequentado da cidade, tendo se tornado um símbolo paulistano. Por isso, em 1992, ele foi tombado como patrimônio natural.

E você? O que guardaria para contar a história da sua cidade?





Mas peraí... o que é patrimônio?

Patrimônio

*são as riquezas que a gente recebe dos
nossos antepassados.*

*Essas riquezas podem pertencer
a uma pessoa,
a uma escola,
a uma cidade,
a um país*

*e até mesmo
à humanidade*



*Uma árvore,
uma cadeira,
um documento antigo,
um prédio,
uma estátua*

*e outras coisas que a gente
pode pegar fazem parte do*

Patrimônio Material.

*Já um jeito de badalar os sinos da igreja,
uma música de carnaval,
uma lenda ou
uma parlenda*

fazem parte do

Patrimônio Imaterial.



*Se é formado por
prédios,
cemitérios,
igrejas,
quadros,
esculturas,
ferramentas
e outras coisas que o homem
criou, então leva o nome de*

Patrimônio Cultural.



*Mas se é composto por
sítios da natureza e
pelas espécies que vivem neles, então é um*

Patrimônio Natural.

*O patrimônio de uma cidade
é tudo aquilo que a população decide
guardar para contar a história de
seus habitantes.*

*Por isso, é importante
protegê-lo,
ouvi-lo e até...
conversar com ele.*



Muitas instituições trabalham para proteger o patrimônio:

*a **Unesco** protege o patrimônio da humanidade,*

*o **IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico) cuida do patrimônio brasileiro*

e cada cidade possui um órgão que protege o patrimônio municipal.



Mas esses tesouros do passado também são protegidos por cada pessoa que se lembra deles.

E é para isso que criamos este material que você tem nas mãos.

Este é um mapa que traz informações sobre parte do patrimônio da sua cidade.

No livreto, você encontrará informações sobre esses tesouros e atividades que podem tornar a visita a esses pontos muito mais divertida.

Agora é com você

Para fazer este exercício, você pode usar um atlas, o Google Maps ou ainda imprimir o mapa apresentado na próxima página deste material.

Depois de preparar o mapa, siga as instruções ao lado e acrescente suas memórias à cidade.

- 01 – Eu moro aqui
- 02 – Lugar super legal!
- 03 – Aqui existe um ipê
- 04 – Bom lugar para fazer um piquenique
- 05 – Aqui tudo é longe
- 06 – Lugar com muitos cheiros
- 07 – Lugar com uma comida inesquecível
- 08 – Seria bom plantar mais árvores aqui
- 09 – Tenho vontade de conhecer
- 10 – Se eu trabalhasse no IPHAN, tombaria este lugar
- 11 – Lugar que faz parte da história da minha família
- 12 – Aqui escuto passarinhos

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Álvares Penteado, 112 – Centro – SP
Próximo à estação São Bento do Metrô

Informações (11) 3113-3651 | (11) 3113-3652

Alvará de funcionamento nº 2018/13107-000. Validade: 09/08/2019
Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros nº 390637. Validade: 28/12/2019

cbb.com.br | cbbeducativo.com
[f/cbb.sp](https://www.facebook.com/cbb.sp) [@cbb_sp](https://twitter.com/cbb_sp) [@cbb.sp](https://www.instagram.com/cbb.sp)

L Livre para todos os públicos

Centro de Atendimento BB
4004 0001 ou 0800 729 0001
SAC
0800 729 0722
Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088
Ouvidoria
0800 729 5678

Programa CCBB Educativo
Arte & Educação:

Coordenação Geral/Artística

Francisca Caporali
Samantha Moreira

Coordenação de Programação

Mateus Mesquita

Coordenação Pedagógica, Acesso e Participação

Valquíria Prates

Coordenação de Comunicação

Sarah Matos

Coordenação de Design

Gabriel Figueiredo

Design

Marcio Gabrich

Assistente de Design

Artur Souza

Coordenação Editorial

Daniel Toledo

Produção Executiva

Alexandra Duarte

Ateliê Aberto

Produção

Mariana Takamatsu

Assistente de Produção

Camila Santos

Isabel Falabella

Assistente Financeiro

Gustavo Carvalho

Francescole Oliveira

Assistente de Departamento Pessoal

Eduardo Pereira

Coordenação Técnica

VFBH Produções

Coordenação Pedagógica

Milton Lira (BH)

Pompea Tavares (RJ)

Tatiana Duarte (DF)

Valéria Chagas (SP)

Educadores

Ana Amélia Rossiter (RJ)

Ana Luísa Nunes (SP)

Dariana Resende (DF)

Dyego Machado (BH)

Geancarlos Barbosa (RJ)

Giovanni Fernandes (SP)

Isabelle Santos da Silva (SP)

Jéssica Cruz (BH)

Julya Primo (DF)

Lucas Sertifa (DF)

Pedro Ton (BH)

Phelipe Rezende (RJ)

Thainá Nunes (RJ)

Assessoria Jurídica

Oliveira Lima S.I. Advocacia

Assessoria de Imprensa

A Dois Comunicação (RJ)

Agência Fervo (SP)

Conteúdo Comunicação (DF)

Doizum Comunicações (BH)

Convite à Ativação
Patrimônio e Memória

Cauê Donato

Cibele Carvalho

Daniel Toledo

Francisca Caporali

Gabriel Figueiredo

João Andrade

Livia Arnaut

Mateus Mesquita

Pompea Tavares

Samantha Moreira

Tatiana Duarte

Valquíria Prates



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

